

Na Pele Como Cola¹

A História da mulher cananéia²

Friedrich E. Dobberahn

Em **Mt 15.21-28** lemos o seguinte episódio:

- V.21: Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom.
- V.22: E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.
- V.23: Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós.
- V.24: Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.
- V.25: Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!
- V.26: Então Ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.
- V.27: Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.
- V.28: Então lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E desde aquele momento sua filha ficou sã.

1 — Quanto à problemática da hermenêutica aqui usada cf. D. Bonhoeffer, **Gesammelte Schriften** IV, München 1961, pp. 335ss; M. Noth, **Gesammelte Studien zum Alten Testament** II, ThB 39, München 1969, pp. 48ss (51); H. Albrecht, *Zwanghafte Predigt?*, **EvTh** 37, 1977, pp. 325ss; cf. também o meu artigo "O método histórico-crítico entre idealismo e materialismo", **EstTeol** 28, 1988, pp. 35ss (55s e nota 118).

2 — A tradução de Mt 15.21-28 vem segundo a versão de Almeida. A reflexão que segue reproduz uma meditação que apresentei no Encontro de "Proclamar a Libertação", Cascavel, em 21/09/88. Agradeço aos colegas Johannes Wille, Silvio Meincke e João Guilherme Biehl por terem ajudado na tradução do meu texto alemão para o português.

Chamo esta mulher cananéia de “Carolina”³, e a história acontece nas periferias de São Paulo, onde a miséria se acumula como água no pântano. Aqui Carolina se movimenta como todos os favelados por baixo de milhões de telhados tortos, feitos de madeira, papelão, zinco e latas. Ela que faz fila na única torneira da favela e, ao transportar a água, fica tonta por ter somente ar no estômago.

Carolina ouviu que o Filho de Deus se encontra na cidade. “Filho de Deus” isto só pode significar uma coisa: salvação. Ele é aquele de cujo rosto e de cujas palavras o pobre lê a cura do seu corpo, da sua alma. Aquele que transforma a sua tristeza em ritmo de samba. Ele, portanto, deve ter algo a mais do que todos os curandeiros juntos, dos tantos que existem em São Paulo. A questão é que a Vera, filha de Carolina, está tossindo e, desde anteontem, vomitando vermes. Ela tem na sua barriga um espírito imundo que a atormenta.

E aí aparece Jesus, o Filho de Deus, bem na hora certa! Carolina surge diante dEle como vinda de um bueiro. Suja e em trapos, ela está diante de Jesus, vestindo o uniforme da miséria. Para Carolina, Ele não vem inesperadamente. Por ser muito pobre para ir ao teatro — assim diz ela — Deus lhe manda sonhos para proteger a sua alma sofrida. Na noite anterior Carolina sonhou que voou da terra para o céu, pegou as estrelas com as mãos para apreciá-las. Carolina pôde até conversar com elas. Que presságio bom! Não foi, então, sem propósito que Deus mandou este sonho a Carolina. Quis dar-lhe o direito de cruzar o caminho do Filho de Deus.

É desta forma, pois, que começa esta absurda e lastimável tragédia, que chama a atenção de todo aquele que lê a Bíblia. Primeiro a decepção, depois a indignação fazem a mulher cananéia gritar e lamentar. Isto quase gera um tumulto. Jesus, cansado e sobrecarregado pela miséria, não se sente disposto a responder. E Carolina grita durante algum tempo a Jesus: “Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada”. Isto ela repete várias vezes. Mas Deus se afasta dela, vai e volta, como um arco-íris em qualquer céu.

Finalmente, para e fala algo como: “Eu fui enviado somente às ovelhas perdidas entre Israel!” Há, no entanto, alguma diferença entre miséria aqui e necessidade lá, entre exploração no campo e fome na cidade? Sofrimento é sofrimento, independente do lugar.

3 — Cf. Carolina Maria de Jesus: **Diário de uma favelada**, QUARTO DE DESPEJO, ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 10 ed. 1983.

Jesus responde: "Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos!"

Para Carolina, a interpretação destas palavras só pode ser uma: os cachorrinhos são ela e todos os outros favelados, diminuídos diante das criancinhas de Israel. Pois é justamente como cachorros que Carolina, seus filhos e todos os outros favelados se alimentam no dia-a-dia. Como vira-latas no mercado eles se alimentam de cabeças de peixe; no depósito de lixo dos frigoríficos eles encontram ossos e restos de salame, na fábrica de doces recolhem restos de bolachas quebradas. Será que Jesus não sente pontadas no coração ao ver crianças mascarem cascas podres de bananas, melancia e até abacaxi? Se for assim, alguém tem que lhe dar estômago para agüentar isto. À sua misericórdia faltam simplesmente órgãos do corpo humano.

Mesmo assim, Carolina suporta a dor. Talvez Jesus nem saiba o que está dizendo. Pior e intolerável é a classificação de "maior" e "menor" no Reino de Deus: maior, as crianças na mesa: menor, os cães embaixo da mesa. Pode-se ler esta história da mulher cananéia quantas vezes se quiser, mas sempre fica o protesto diante do fato de que Jesus transporta a injusta e classista sociedade mundana para o Reino de Deus. Carolina chega a levantar a possibilidade de que nos céus também serão construídos palácios e barracões. Isto, porém, é a última coisa — mesmo vinda da boca de Deus — em que Carolina pode crer. A sua fé é mais forte e crê o que a misericórdia de Deus crê. A boa nova vai há séculos de boca em boca entre os que têm fome e querem ser saciados! Das lágrimas dos bem-aventurados que choram, mas haverão de rir, é feita a tinta para as Escrituras. Esta fé bíblica em Deus, na absoluta majestade do amor, no bem, na remissão de todas as separações é mais forte e incompatível com uma humilhante aceitação de favelas celestiais ou celestiais direitos caninos.

Carolina, a mulher cananéia, nota que algo decisivo acontece em seu encontro com Jesus. O Filho de Deus, não foi também educado por uma das subnutridas criaturas do Pai, do João Batista, quando Ele se deixou batizar? Assim como Jesus esteve antes diante de João, assim Ele está agora diante de Carolina. Somente Deus sabe porque ele escolheu este caminho da renúncia. Portanto, Carolina compreende que isto não é uma tragédia absurda e lamentável na qual ela participa. Deus se mostra a ela como aquele que desce dos céus para ver a miséria do seu povo e perceber o seu lamento. Agora o tempo se completou! E não é Deus quem se revela à miséria e ao desespero, mas sim, a miséria e o desespero que se revelam a Deus através de suas crianças! Ela, a Carolina, a

mulher cananéia, deve abrir as portas dos barracões para Jesus e revelar a Ele o semblante espoliado que as crianças de Deus carregam consigo.

As palavras dos pobres não soam bem. A língua das mulheres da favela é amarga. Ela não tem ossos, mas pode quebrar ossos.

“Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!” Assim ela falou, diz a Bíblia. Porém, partindo da boca de Carolina, no sofrimento da favela, isto soa diferente:

“Tu estás certo, Filho de Deus. Nós, feios, sujos e bêbados, não queremos nada da tua mesa. De qualquer modo nós sempre comemos o que outros jogam fora. O que eu te peço é somente este único ato de misericórdia, que tu jogues algo fora para que eu possa me alimentar disto. Estes dias um caminhão jogou abacaxis podres em nossa favela. Exatamente assim eu também imagino que faças: joga diante dos meus pés um pouco do teu lixo divino. Não faça cerimônias: eu ajunto. Já fui envergonhada e humilhada, e viverei agradecida do teu lixo. Acaso, a corte real do teu Pai não produz lixo suficiente para que a gente possa catar? A minha filha pode ficar sadia até através das tuas migalhas!”

É, as palavras dos pobres não soam bem. O seu desespero é um pavio que continua ardendo e queimando. O seu desprezo fica preso na pele como cola. Mas, em algum momento, esta criatura espoliada e explorada falou com autoridade a Deus e Ele ouviu o grito. Ele tinha que ouvir e veio para a terra.

Então João batizou a Jesus e Carolina, a mulher cananéia, lembrou Deus da sua misericórdia, e convenceu Jesus do sentido e significado do seu próprio Evangelho. Ela puxou para a terra o que de Deus ainda havia nos céus. De baixo para cima, rasgou a cortina diante do coração e removeu a pedra do túmulo. Carolina, uma irmã de Jesus, a serva de Deus! Ela está na revelação. E assim o Evangelho acontece.